

Índice

<i>Dramatis Personae</i>	11
Prólogo	13
Parte Um	Nascer na URSS
<i>um</i>	Nascer em 1984 19
<i>dois</i>	A Vida Examinada 31
<i>três</i>	Privilégio 46
<i>quatro</i>	<i>O Homo Sovieticus</i> 59
Parte Dois	Revolução
<i>cinco</i>	<i>O Lago dos Cisnes</i> 81
<i>seis</i>	A Execução da Casa Branca 107
<i>sete</i>	Todos Querem Ser Milionários 129
Parte Três	Revelação
<i>oito</i>	Um Sofrimento Contido 147
<i>nove</i>	Canções Antigas 173
<i>dez</i>	Acabou Tudo Outra Vez 196
Parte Quatro	Ressurreição
<i>onze</i>	A Vida depois da Morte 217
<i>doze</i>	A Ameaça Laranja 236
<i>treze</i>	Tudo em Família 260

Parte Cinco	Protesto	
<i>catorze</i>	O Futuro É História	291
<i>quinze</i>	<i>Budushchego net</i>	315
<i>dezassex</i>	Fitas Brancas	329
<i>dezasete</i>	Masha: 6 de Maio de 2012	359
Parte Seis	Repressão	
<i>dezoito</i>	Seryozha: 18 de Julho de 2013	379
<i>dezanove</i>	Lyosha: 11 de Junho de 2013	401
<i>vinte</i>	Uma Nação Dividida	426
<i>vinte e um</i>	Zhanna: 27 de Fevereiro de 2015	455
<i>vinte e dois</i>	Guerra Permanente	471
Epílogo		483
Agradecimentos		495
Notas		497

um

Nascer em 1984

MASHA

No 70.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, a avó de Masha, uma cientista aeroespacial, levou-a à Igreja de São João Guerreiro, no centro de Moscovo, para ser batizada. Masha tinha três anos e meio, sendo aproximadamente três anos mais velha do que todas as outras crianças que estavam na igreja nesse dia. A sua avó, Galina Vasilyevna, tinha 55 anos, aproximadamente a mesma idade da maioria dos adultos. Eram velhos — 55 era a idade da reforma das mulheres soviéticas, sendo raro encontrar-se uma mulher de 55 anos que não fosse ainda avó —, mas não tão velhos que recordassem uma época em que a religião fosse praticada aberta e orgulhosamente na Rússia. Até há pouco tempo, Galina Vasilyevna não pensava muito na religião. A sua mãe ia à igreja e batizou-a. Galina Vasilyevna estudara física na universidade e, embora se licenciasse anos antes de uma cadeira sobre os “fundamentos do ateísmo científico” se ter tornado um requisito nas licenciaturas de todas as faculdades, aprendera que a religião era o ópio do povo*.

* Os leitores de língua inglesa estão geralmente mais familiarizados com uma versão diferente da frase: “A religião é o opíáceo das massas.” A tradução russa é mais próxima do original, mas, habitualmente, era aprendida fora de contexto, assim como na cultura popular ocidental. A passagem de onde a frase foi retirada diz o seguinte: “O sofrimento religioso é, simultaneamente, a expressão do verdadeiro sofrimento e uma manifestação

Galina Vasilyevna passara a maior parte da vida adulta a trabalhar em coisas completamente opostas à religião: coisas materiais, sem nada de místico, lançadas no espaço. Mais recentemente, trabalhava no Instituto de Produção Científica Molniya (“Relâmpago”), que se encontrava a projetar o vaivém espacial *Buran* (“Nevão”). O seu trabalho consistia em criar o mecanismo que permitiria à tripulação abrir a porta do vaivém após a aterragem. O vaivém estava quase terminado. Dentro de um ano, o *Buran* levantaria voo. O primeiro voo de teste iria realizar-se sem tripulação e seria bem-sucedido, mas o *Buran* não voltaria a voar. O financiamento do projeto esgotar-se-ia e o mecanismo para abrir a porta do vaivém a partir de dentro após a aterragem nunca seria utilizado.¹

Galina Vasilyevna sempre fora extremamente sensível às mudanças subtis nos estados de espírito e expectativas do mundo à sua volta — uma qualidade muito útil num país como a União Soviética, onde saber para que lado soprava o vento podia significar a diferença entre a vida e a morte. Agora, embora tudo parecesse encaminhado na sua vida profissional — faltava ainda um ano até o *Buran* levantar voo —, ela sentia que algo começava a ceder, algo nas próprias fundações do único mundo que conhecia — um mundo baseado na primazia das coisas materiais. Esta rutura exigia que outras ideias, ou ainda, outras fundações, viessem preencher um vazio. Era como se conseguisse anteciper que as coisas sólidas e não místicas que passara a vida a construir cairiam em desuso, deixando em seu lugar um vazio metafísico.

Galina Vasilyevna pode ter aprendido que a religião era o ópio do povo e pode ter ouvido, assim como o resto do país e do mundo, que os bolcheviques tinham derrotado a religião organizada, mas, tendo vivido na União Soviética durante mais de meio século, sabia que isto não era inteiramente verdade. Na década de 1930, quando era criança, a maioria dos adultos soviéticos ainda dizia publicamente que acredita-

contra o verdadeiro sofrimento. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo cruel e a alma das condições desumanas. É o ópio do povo. A abolição da religião enquanto felicidade ilusória do povo é a reivindicação da sua verdadeira felicidade. Apelar a que abram mão das ilusões sobre a sua condição é apelar a que abram mão de uma condição que reivindica ilusões. A crítica da religião é, portanto, em estado embrionário, a crítica do vale de lágrimas do qual a religião é a auréola.” Karl Marx, *Critique of Hegel’s Philosophy of Right*, trad. Joseph O’Malley (Oxford: Oxford University Press, 1970), p. 3.

va em Deus.² Esperava-se que a nova geração crescesse inteiramente livre de superstições, das quais a religião era apenas um subconjunto, e da angústia que tornava a religião necessária. Porém, quando Galina Vasilyevna tinha nove anos, começou a II Guerra Mundial. Os alemães avançavam tão depressa e a liderança soviética parecia tão indefesa, que não havia mais em que acreditar senão em Deus.³ Rapidamente, o governo soviético pareceu aceitar a Igreja Ortodoxa Russa e, a partir desse momento, os comunistas e o clero passaram a lutar juntos contra os nazis.⁴ Depois da guerra, a Igreja voltou a ser uma instituição para a geração mais velha, permanecendo o conhecimento de que, em alturas de incerteza catastrófica, podia ser um refúgio.

A avó disse a Masha que iam à igreja por causa do padre Alexander Men. Men era um sacerdote ortodoxo russo para pessoas como Galina Vasilyevna. Os seus pais tinham sido cientistas na área das ciências naturais e ele sabia cativar as pessoas que não tinham ligação à Igreja. Fora ordenado pela Igreja Ortodoxa Russa, que, desde a guerra, estava ao serviço do Kremlin, mas ele tinha a sua própria forma de aprender e ensinar, o que o levava quase a ser preso.⁵ Agora que se assistia a uma certa abertura, Men estava na iminência de se tornar espetacularmente popular, reunindo milhares e, mais tarde, centenas de milhares de seguidores, embora ainda se passassem alguns anos até os seus escritos poderem ser publicados na União Soviética. Masha não compreendia muito bem o que a avó lhe contava sobre o padre Alexander ou sobre a luz nos ensinamentos de Jesus Cristo, mas não se recusava a ir à igreja. O dia 7 de novembro* sempre fora o seu feriado preferido, pois, nesse dia, o aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, a sua avó, que durante 364 dias por ano era uma cozinheira relutante e pouco competente, fazia empadas que Masha gostava de comer.

“Por que raio fizeste isso?”, perguntou a mãe de Masha quando foi buscar a filha e descobriu que ela usava uma pequena cruz ao pescoço. Porém, a discussão resumiu-se a isso. Tatiana não tinha muita paciência para conversas: era uma mulher de ação. Quando descobriu que estava grávida, dirigiu-se ao Comité do Partido da sua universidade na

* O aniversário da Revolução de Outubro celebra-se a 7 de novembro porque a Rússia czarista manteve o seu próprio calendário, sem anos bissextos. No ano de 1917, estava “atrasada” treze dias em relação ao calendário ocidental — e, quando esses dias foram ajustados pelos bolcheviques, o final do mês de outubro passou a ser novembro.

esperança de que as autoridades obrigassem o pai do futuro bebê, que tinha, pelo menos, mais uma namorada, a casar com ela. Não se tratava de um pedido invulgar e não teria sido uma intervenção invulgar para o Comitê do Partido levar a cabo, mas, no caso de Tatiana, correu mal. O pai de Masha perdeu a vaga na universidade e, conseqüentemente, o direito a viver em Moscovo, sendo obrigado a regressar a casa, no Extremo Oriente Soviético, a milhares de quilómetros das suas namoradas.

A maternidade recente trouxe mais surpresas desagradáveis. Tatiana tornou-se dependente dos pais. Praticamente todas as pessoas da sua geração usavam os pais como infantário gratuito⁶: as únicas alternativas eram infantários de bairro geridos pelo Estado, uma mistura entre prisões para bebês e armazéns, ou serviços de cuidados infantis privados exageradamente caros e duvidosamente legais. Tatiana conquistara uma independência pouco habitual relativamente aos pais — ao contrário da maioria das pessoas da sua idade, não vivia com eles, morando num apartamento comunal que partilhava com outra família —, mas o bebê voltava a prendê-la ao apartamento dos pais, que ficava a poucos quarteirões de distância. Com dois quartos e uma cozinha, Galina Vasilyevna e Boris Mikhailovich tinham espaço suficiente para cuidar da pequena Masha, e, trabalhando ambos como cientistas seniores na indústria aeroespacial, tinham mais tempo do que a filha, estudante universitária. Tatiana percebeu que, para fugir da casa dos pais de uma vez por todas, precisava de fazer dinheiro e puxar uns cordelinhos. As coisas que tinha para fazer não eram propriamente legais ao abrigo da lei soviética, que limitava todas as atividades e bania grande parte do empreendedorismo, mas, na maioria dos casos, muitas das coisas que ela fazia eram discretamente toleradas pelas autoridades.

Aos três anos, Masha foi aceite num prestigiado internato pré-primário, altamente seletivo e praticamente inacessível, destinado aos filhos dos membros do Comitê Central. (Com efeito, quando Masha nasceu, a idade média dos membros do Comitê Central estava próxima dos 75 anos⁷: portanto, a escola servia os seus netos e bisnetos, assim como os filhos de alguns cidadãos soviéticos incrivelmente empreendedores como Tatiana.) Eis como uma escritora de uma geração anterior de alunos descreveu o internato:

No interior, tudo tresandava a prosperidade e a *pirozghi* acabados de sair do forno. O Recanto de Lénine era particularmente resplandecente, com os seus arranjos de gladiolos brancos sob as fotografias da família Ulianov dispostas como ícones sobre um quadro de veludo carmesim. Numa varanda panorâmica virada para o bosque assombrado, os filhos da *nomenklatura* dormitavam ao ar livre, agrupados como leitões em sacos-cama com penugem de ganso. Cheguei durante a Hora Morta, a sesta soviética da tarde.

“Acordem, Futuros Comunistas!”, exclamou a professora, batendo palmas. Esboçou um sorriso matreiro. “Está na hora da gordura de peixe!” [...] Uma ama muito alta chamada Zoya Petrovna, ainda me lembro, aproximou-se de mim com uma enorme colher de caviar negro.⁸

Na altura em que Masha se matriculou na escola, o Recanto de Lénine perdera algum do seu prestígio e os professores atenuaram um pouco da retórica, raramente vociferando a palavra “comunistas” às crianças ao seu cuidado. Porém, as rações diárias de caviar continuavam, num contraste cada vez maior com o mundo lá fora, onde a escassez alimentar era um fator determinante da vida quotidiana. Encontrava-se ainda a farinha de fabrico soviético, existente em todos os infantários, que conseguia ficar na vertical em cima do prato. A escola mantinha um horário de internato de cinco dias por semana, um luxo soviético sem paralelo. Aos fins de semana, Masha, como tantas crianças soviéticas, geralmente ficava com os avós. Os esforços de Tatiana para conseguir sustentar esta vida mantinham-na ocupada sete dias por semana.

Quando Masha tinha quatro anos, a mãe ensinou-a a distinguir entre dólares falsificados e dinheiro verdadeiro. Ser apanhado com dinheiro estrangeiro, verdadeiro ou falso, era perigoso e punível pela lei soviética até quinze anos de prisão⁹, mas Tatiana parecia não ter medo. Em todo o caso, era este o seu meio de subsistência. Tatiana geria também um serviço de explicações: ela própria começara como explicadora, mas rapidamente percebeu que, para fazer dinheiro a sério, precisava de quantidade. Começou a destinar clientes — maioritariamente alunos do secundário preparando-se para enfrentar os difíceis exames orais de admissão à universidade — aos seus colegas da faculdade, que podiam prepará-los. Nas suas próprias explicações, dedicava-se agora ao de-

envolvimento de uma especialidade altamente rentável e rara: preparar os jovens para enfrentarem os “caixões”.

Os “caixões” eram perguntas especificamente concebidas para os candidatos judeus. Geralmente, as instituições soviéticas de ensino superior dividiam-se em duas categorias: as que nunca aceitavam judeus e as que aceitavam um número rigorosamente limitado de judeus. As normas de não admissão, naturalmente, não eram divulgadas ao público; a rejeição era aplicada de forma particularmente sádica. Por norma, os candidatos judeus faziam as provas de ingresso em conjunto com os outros aspirantes a alunos. Eles tiravam as suas fichas de exame do mesmo lote que todos os outros. Porém, se respondessem corretamente às duas ou três questões da ficha, os examinadores, sozinhos com eles na sala, faziam-lhes casualmente uma pergunta adicional, como se para dar seguimento às respostas dadas anteriormente. Este era o “caixão”. No exame de matemática, tratava-se geralmente de um problema não apenas complexo, mas impossível de solucionar. O candidato vacilava e falhava. Então, os examinadores martelavam o último prego no caixão: o candidato judeu chumbara no exame. Isto é, a não ser que o candidato tivesse tido Tatiana como explicadora. Ela aperfeiçoara a arte de ensinar aos seus clientes não só “caixões” específicos, que, de alguma forma, conseguira arranjar, mas também o algoritmo geral para os identificar e provar que eram impossíveis de resolver. Esta loira de dentes salientes e óculos de aviador sabia ensinar os judeus soviéticos a derrotar a máquina antisemita, sustentando, assim, Masha com caviar e a farinha nojenta do Comité Central.

ZHANNA

Para alcançar algo que se parecesse com igualdade de condições, não se podia ser judeu. A “nacionalidade” de uma pessoa — o que os americanos chamam “etnia” — era visível em todos os documentos de identidade importantes, desde a certidão de nascimento ao passaporte interno, passando pela certidão de casamento e a ficha pessoal no trabalho ou na escola. Uma vez atribuída, a “nacionalidade” era quase inalterável — passando de geração em geração. De algum modo, o pai de Zhanna, Boris — provavelmente devido à previdência e iniciativa